

DESVENDANDO A FESTA DO ROSÁRIO DA APAE-OP COMO ESPAÇO VIVIDO E EXPERIÊNCIA DE LAZER

Sidney Daniel Batista¹

Isabela Melo de Souza²

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo estudar a cultura do Congado que revela a religiosidade e a transmissão de saberes não só sobre os conhecimentos simbólicos e históricos, mas a construção do sentimento de pertencimento da cultura local. Para a pesquisa, foi escolhida a guarda da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Ouro Preto (APAE-OP), com o objetivo de desvendar o espaço vivido dos membros da guarda com a festa sob uma perspectiva cultural, com os aportes teóricos da geografia cultural e dos estudos do lazer. Para alcançar os resultados almejados, utilizou-se os seguintes procedimentos metodológicos como formas de operacionalização da pesquisa: pesquisa bibliográfica e documental, observação participante e entrevistas semiestruturadas. Portanto, viver a festa é viver o lugar a partir da experiência e das emoções, é encontrar-se no outro e reconhecer a si próprio. É marcar, modelar, transformar o lugar ao atribuir valor, sentido e significado. Esperamos que cada vez mais pesquisas procurem trilhar caminhos interdisciplinares, seja entre Lazer e Geografia. Esta pesquisa contou com apoio da CAPES.

Palavras-chave: Congado. Lazer. Festa.

UNVEILING THE APAE-OP ROSARY PARTY AS A LIVED SPACE AND LEISURE EXPERIENCE

ABSTRACT: This study aims to study the culture of the Congado that reveals religiosity and the transmission of knowledge not only about symbolic and historical knowledge, but the construction of the feeling of belonging to the local culture. For the research, the guard of the Association of Parents and Friends of the Exceptional of Ouro Preto (APAE-OP) was chosen, in order to unveil the space lived by the members of the guard with the party from a cultural perspective, with the theoretical abortions of the cultural geography and leisure studies. To achieve the desired results, the following methodological procedures were used as ways of operationalizing the research: bibliographical and documentary research, participant observation and semi-structured interviews. Therefore, to live the party is to live the place from experience and emotions, it is to find oneself in the other and to recognize oneself. It is to mark, model, transform the place by assigning value, sense and meaning. We hope that more and more research will seek to follow interdisciplinary paths, whether between Leisure and Geography. This research was supported by CAPES.

Keywords: Congado. Recreation. Party.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutorando em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: sidneydaniel_13@yahoo.com.br

² Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: melo.isabela02@gmail.com

DESCUBRIENDO LA FIESTA DEL ROSARIO APAE-OP COMO UNA EXPERIENCIA DE ESPACIO VIVO Y OCIO

RESUMEN: Este estudio tiene como objetivo estudiar la cultura del Congado que revela la religiosidad y la transmisión del conocimiento no solo sobre el conocimiento simbólico e histórico, sino también sobre la construcción del sentimiento de pertenencia a la cultura local. Para la investigación, se eligió la guardia de la Asociación de Padres y Amigos de los Excepcionales de Ouro Preto (APAE-OP), con el fin de desvelar el espacio vivido por los miembros de la guardia con la fiesta desde una perspectiva cultural, con los abortos teóricos de la Geografía cultural y estudios de ocio. Para lograr los resultados deseados, se utilizaron los siguientes procedimientos metodológicos como formas de poner en práctica la investigación: investigación bibliográfica y documental, observación participante y entrevistas semiestructuradas. Por lo tanto, vivir la fiesta es vivir el lugar desde la experiencia y las emociones, es encontrarse en el otro y reconocerse. Es marcar, modelar, transformar el lugar asignando valor, sentido y significado. Esperamos que más y más investigaciones busquen seguir caminos interdisciplinarios, ya sea entre Ocio y Geografía. Esta investigación fue apoyada por CAPES.

Palabras-clave: Congado. Recreación. Fiesta.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo investigar a cultura do congado devido a riqueza de elementos e de significados que envolvem essa manifestação cultural, que revela a religiosidade e a transmissão de saberes, a partir de conhecimentos simbólicos e históricos e da construção de um sentimento de pertencimento da cultura local.

Sabe-se que, em meio às inúmeras mudanças que ocorreram com o passar dos anos, a manifestação cultural do congado ainda é revivida tradicionalmente, e guarda características específicas da cultura negra, manifestada em cada localidade e se torna parte do calendário de festas religiosas.

Evidenciamos que o Estado de Minas Gerais, hoje, é caracterizado como uma das regiões em que mais se vive e revive o Congado, conforme as tradições. Isso possibilitou a realização do estudo nas quais se revelam a sua identidade cultural (EVARISTO, 2015; ALVES; PIMENTA; SANTOS, 2012; LUCAS, 2002; SOUSA, 2011; SILVA, 2007).

Destacamos que Ouro Preto é reconhecido como uma das regiões em que mais se vive e revive o congado, conforme as tradições, em que “foi no contexto da Minas colonial, no seio dessas confrarias leigas, particularmente nas Irmandades destinadas aos homens pretos, é que surge o **Congado**” (EVARISTO, 2018, p. 53). Assim, o Congado emerge como uma manifestação expressiva de uma visão particular de mundo da religiosidade negra mineira objetivando render homenagens aos santos padroeiros.

Para a pesquisa, foi escolhida a guarda da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Ouro Preto (APAE-OP), devido à singularidade da Guarda de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças para o município, que, de acordo com

Silva (2017, p. 17), “reúne dois fundamentos de grande relevância, as práticas culturais de matriz africana e a ação pedagógica voltado para as pessoas com deficiência”. A reunião desses dois elementos foi o que determinou a escolha do objeto de investigação.

Para entender o processo de apropriação e de incorporação da cultura congadeira na APAE-OP por meio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças, realizou-se um estudo de caso, em uma pesquisa de natureza qualitativa que permite uma maior proximidade com o problema por meio do contato direto com os sujeitos da pesquisa.

Enfim, a escolha deste tema se deu pelo fato de o **Congado** ser uma manifestação cultural brasileira e um relevante tema para se trabalhar a religiosidade, na aceitação e no respeito aos afrodescendentes e à sua cultura. Assim sendo, o **Congado** tem sido descrito como importante espaço de luta e de reivindicações dos negros por seus direitos, de construção de uma identidade étnica, conforme vemos nos estudos de Santos e Mahfoud (2002), Silva e Bomfim (2009), Barletto e Sousa (2007) e Alves (2008).

Assim sendo, além de sua importância para os envolvidos a manifestação cultural do Congado da APAE é vivida tradicionalmente, e guarda características específicas, o que leva à constatação de que a cultura negra tem sobrevivido e as festividades da guarda da APAE vem contribuindo para perpetuação do congado no município.

Uma pesquisa dessa natureza é relevante, pois possibilita a compreensão da presença dessa riqueza viva em nosso Estado até os dias de hoje, além de revelar vertentes da cultura afro-brasileira em diálogo com as heranças africanas. Isso permite a valorização dessas manifestações da cultura popular.

Assim sendo, a pesquisa pretende desvendar o espaço vivido dos sujeitos que vivem o Congado. Esta pesquisa utilizou os aportes teóricos da Geografia Cultural³, caracterizada como um subcampo da Geografia que analisa a dimensão espacial da cultura de base fenomenológica e desdobramentos nos estudos do espaço vivido.

Destacamos que, no espaço, ocorrem as mais variadas formas de ações e relações. Nessa lógica, é possível mencionar Buttimer (1985, p. 178), quando se refere ao espaço como “espaço vivido”, onde se faz presente a experiência vivida do espaço, que remete ao mundo como ele é experimentado pelos indivíduos no seu cotidiano. O espaço, como categoria de dimensão abstrata, deixa de ser a referência central, pois o mundo vivido é construído socialmente a partir da percepção das pessoas que o experenciam (interpretado pelos indivíduos).

Para os Estudos do Lazer, a pesquisa se abre para o conhecimento de importante dimensão da vida humana uma possibilidade de entender mais sobre o povo congadeiro, suas tradições e seu modo de vida. Segundo Gomes *et al.* (2016, p. 102), “é preciso

³ “A Geografia Cultural é, atualmente, uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico. Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes até estudos do significado das paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões. Seu foco inclui a investigação da cultura material, costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas” (MCDOWELL, 1996, p. 159).

reconhecer a existência de novos modos de vida no contexto contemporâneo que buscam problematizar o lazer em diferentes realidades e perspectivas”.

Assim sendo, há novas concepções e perspectivas sobre o lazer, Gomes e Elizalde (2012) mencionam a necessidade de desenvolver e aprofundar discussões sobre o campo com o objetivo de repensar as clássicas contribuições de estudiosos defendida por autores como: Sebastian de Grazia (1966), Joffre Dumazedier (1964, 1978, 1994), Pierre Laine (1970) e Erich Weber (1969) e, assim, construir novas abordagens que levem em conta as práticas culturais.

Para entender o processo de apropriação e de incorporação da cultura congadeira na APAE-OP por meio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças, realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa. As concepções teórico-conceituais que norteiam este trabalho partem de uma preocupação inicial em compreender a cultura congadeira em interlocução com os Estudos do Lazer. Foram buscadas, particularmente, contribuições de autores como Mello e Souza (2002), Rosa (2002), Magnani (2003), Gomes e Pereira (2000) e Alves (2008).

Por sua vez os aportes teóricos da Geografia Cultural auxiliaram na análise e no tratamento dos campos simbólicos produzidos pelas representações espaciais e pela subjetividade, conforme evidenciado nos trabalhos de Claval (2002; 1999), Almeida; Mundim e Flores Mendes (2011), Rosendahl (2006; 1999) e Gil Filho (2008).

O cenário metodológico adotado como já foi mencionado é o estudo de caso, que, segundo Dencker (1998), permite o conhecimento e a profundidade dos processos e das relações sociais que integram o trabalho. O estudo de caso pode envolver o exame de registros, a observação de ocorrência de fatos e entrevistas. Dessa forma, o estudo de caso caracterizou-se como um processo mais adequado para a presente pesquisa. Quanto ao tipo de pesquisa, foi adotada a de caráter qualitativo, e Dencker (1998, p. 103) “sinaliza que essas pesquisas se caracterizam pela utilização de metodologias múltiplas, e que as mais utilizadas são a observação, a entrevista em profundidade e a análise de documentos”. Buscou-se, assim, descobrir formas de contribuição que fossem evidenciadas na prática.

Portanto, buscamos nas contribuições da Geografia Cultural alargar as possibilidades de caminhos teóricos e metodológicos da ciência geográfica, para além daqueles mais consagrados e frequentes, buscando considerar o Congado como uma possibilidade de aproximação espaço-tempo dos lugares. Para os Estudos do Lazer, trata-se de uma forma de conhecer uma importante dimensão da vida humana e de entender melhor sobre as nossas tradições.

Percurso metodológico da pesquisa de campo

Para atingir os objetivos optamos por realizar uma pesquisa de caráter qualitativo, utilizando como método o estudo de caso numa perspectiva etnográfica, para alcançar os resultados propostos, além de retratar as situações que emergiam durante a vivência

com os membros da guarda de Nossa Senhora do Rosário e das Graças em suas atividades.

Destacamos que a observação participante realizada junto ao grupo foi uma maneira de identificar como sujeitos veem o processo de participação na festa, como falam sobre isso, o que pensam, o que já sabem e, principalmente como praticam esta festa.

A observação destas ações possibilitou o entendimento das relações entre os diferentes sujeitos que compõem a guarda do Congado, além de propiciar uma certa familiaridade com o grupo, sucedendo na desinibição dos congadeiros investigados, seja nas observações quanto nos processos narrativos. Foi um encontro com diferentes experiências, em variados contextos, que possibilitou melhor entendimento sobre as práticas e a dinamicidade presentes nessa manifestação, e permitiu um outro olhar sobre o Congado, direcionando no percurso da pesquisa.

Realizamos a coleta de dados, na pesquisa documental, a partir do *Portfólio do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças*⁴, material produzido por Silvânia, fundadora e capitã do congado. Não se trata de um documento pormenorizado de tudo que é relacionado ao congado, nem de um registro cronológico em sua totalidade, uma vez que não se encontra atualizado e que a distribuição das informações não se faz por datas, mas por temas que descrevem parte das práticas dessa guarda, demonstra também um olhar sobre o Congado e se apresenta como um registro de memória, sendo uma fonte essencial para a pesquisa, pois revelou a dinamicidade dessa experiência em diferentes contextos.

Posto isto, adotou-se, nesta pesquisa, como procedimento metodológico, a aplicação de entrevistas, para obter informações não disponíveis nas fontes documentais e bibliográficas pesquisadas, pois “a entrevista é especialmente indicada para o levantamento de experiências, é preciso lembrar que grande parte dos conhecimentos existentes não pode ser encontrada na forma escrita, pois faz parte da experiência das pessoas” (DENCKER, 1998, p. 166).

Assim sendo, as entrevistas realizadas foram transcritas de acordo com os procedimentos propostos por Dencker (1998) e Rey (2005). Ouviu-se a entrevista um trecho da gravação para familiarização com o discurso e a fala do entrevistado, em seguida, voltou-se à gravação, para ouvir as frases para início da transcrição.

Uma vez realizada a primeira etapa da transcrição (respeitando a fala dos sujeitos), iniciou-se o trabalho de conferência, essa etapa revelar-se-á, aliás, fundamental para que o sujeito não seja apenas um “legitimador de conceitos cristalizados e corporativos”, sendo a sua fala um instrumento fundamentado na realidade concreta, e concedendo à pesquisa uma maior “coerência teórico-epistemológica” e que poderá servir de “base para a avaliação da pertinência das conclusões que o estudo chegou”

⁴ Segundo Silva (2017, p. 93), “o ato de guardar registros das ações do grupo em um portfólio exemplifica o desejo de salvaguardar ou de preservar as experiências vividas e desenvolvidas”.

(MACEDO, 2010, p.141). Nessa etapa, ouviu-se novamente a gravação e comparou-se com o texto transcrito, e, quando necessário, foram efetuadas correções de datas, nomes de pessoas e lugares.

No processo de análise das entrevistas deve estar claro que em um rico campo investigativo nem tudo que é dito pelo entrevistado foi objeto de análise. As entrevistas realizadas passaram por uma rigorosa seleção sobre a pertinência da informação relacionada aos objetivos da pesquisa.

Evidenciamos a figura da professora e capitã Silvânia, que se revela como uma personagem central da vivência congadeira, com seus alunos apaeanos. Ela é responsável por coordenar todas as ações do grupo, seja nos rituais ou em atividades afins.

Para construir a narrativa da guarda de Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças, utilizamos como já sinalizamos as entrevistas semiestruturadas⁵ com a capitã Silvânia, sua narrativa é de extrema importância para pesquisa, pois evidencia os desdobramentos dessa experiência.

A Geografia cultural sua proximidade com o lugar

O desenvolvimento da Geografia Cultural procede necessariamente da reconstrução das sucessivas culturas de uma área, começando pela cultura original e continuando até o presente. A Geografia Cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica.

Para desenvolver uma pesquisa dentro do campo da Geografia Cultural, o trabalho buscou compreender os estudos sobre a cultura na formação das sociedades, principalmente com base em Paul Claval⁶ (2014). Nessa perspectiva, aplicamos os estudos de Claval (2014) sobre a cultura, na formação dos grupos humanos atrelada ao seu espaço, que contribuíram para definir o foco de ação da pesquisa e determinar os itens investigados em campo. No viés daquilo que Claval (2004, 2002) denomina de abordagem cultural, destaca-se que vivemos uma volta ao Cultural na Geografia, e assim sendo, escolhemos destacar o papel que as concepções de Cultura assumem nas relações com o lugar, combinado aos estudos humanísticos que valorizam a experiência vivida das pessoas em relação ao seu espaço, com destaque para Tuan⁷ (1983).

Desse modo, ao abordar a Geografia Cultural, no estudo, analisamos o

⁵ Trata-se de uma conversa que tem por objetivo, através das respostas fornecidas, recolher dados para a pesquisa (GIL, 2017).

⁶ CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 4. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

⁷ Geógrafo, nascido na China, em 1930, foi professor em universidades americanas de 1956 a 1998 (TUAN, 2012). Tuan é referência para vários pesquisadores, com destaque para os seus livros *Topofilia: um estudo da percepção e valores do meio ambiente*, de 1974 (publicado em português em 1980, com tradução de Livia de Oliveira) e *Espaço e lugar*, de 1977 (traduzido para o português em 1983).

tratamento dos campos simbólicos produzidos pelas representações espaciais e pela subjetividade, além das festas que assumiram, na agenda da Geografia Cultural, espaços investigativos que promovem enriquecedoras análises, conforme evidenciado nos trabalhos de Claval (2002; 2007; 1999), Almeida, Mundim e Flores Mendes (2011; 2009), Rosendahl (2006; 1999) e Gil Filho (2008).

Na Geografia Cultural contemporânea, destaca-se, sobretudo, o novo interesse pelas investigações de uma pluralidade de temas relacionados à cultura popular, ao folclore, à etnia, ao gênero, à religião, assim como a diferentes manifestações artísticas, como a música, a literatura e a poesia. A partir disso a ideia de lugar começa a ser entendida como a parcela do espaço “que traz consigo uma história, uma identidade, e isso mostra como os aspectos subjetivos ganham forma na nova abordagem da Geografia Cultural” (OLIVEIRA, 2004, p. 43).

Segundo Arosteguy (2018), a Geografia Cultural começou a ter uma preocupação mais ampla com a sociedade, com sua economia e política e, como consequência disso, enveredou por caminhos com um viés mais humanista, como o papel das representações religiosas, o sentido dos lugares e a importância do vivido. Por meio da Geografia Cultural, será possível a compreensão dos vínculos que os sujeitos criam entre si e pelo modo como constituem os espaços festivos como se conectam simbólica e afetivamente com o lugar.

Assim, o papel desempenhado pelos geógrafos culturais é o de observar o comportamento e as atitudes do homem, em busca de entender os valores intrínsecos construídos por determinado agrupamento humano, além de suas contradições e seus conflitos. Sob tal ótica, Salgueiro (2001, p. 50) considera que “o espaço é um produto cultural imbuído de significações que traduzem as crenças e os valores da sociedade, é repositório das culturas e estilos de vida [...], faz parte da identidade dos indivíduos e das sociedades”.

Consequentemente, o espaço pode ser uma categoria de análise para os estudos do lazer, tendo em vista que é nele que ocorre a prática do lazer: o lazer, assim como qualquer outra atividade social, necessita de espaço. Trata-se de uma atividade social que consome e se desenvolve no espaço e, para os indivíduos, é certo dizer que as atividades de lazer influenciam diretamente na ocupação e na (re)criação do espaço.

Segundo Almeida, Mundim e Flores Mendes (2011, p. 24), “o espaço geográfico é concebido como um espaço existencial e nele os territórios e lugares são entendidos como porções imbuídas de significados, de emoções e de sentimentos”.

Para Gomes (2011, p. 2), é importante considerar a compreensão do espaço geográfico em que atuamos como estudiosos e pesquisadores do lazer:

pois não se trata de apenas um espaço físico e sim de um espaço político e social repleto de dimensões simbólicas que se materializam, culturalmente, no cotidiano de nossas percepções, identidades, subjetividades, sentimentos e modos de intervir em cada contexto que são realizadas.

Nessa lógica, as contribuições da Geografia Cultural, que procuram alargar as possibilidades de caminhos teóricos e metodológicos da ciência geográfica, para além daqueles mais consagrados e frequentes, busca considerar a festa como uma possibilidade de aproximação à essência espaço-temporal dos lugares. Para os Estudos do Lazer, trata-se de uma forma de conhecer uma importante dimensão da vida humana, que é a festa, e de entender melhor sobre as nossas tradições.

Logo, por meio da abordagem do lugar o estudo possibilitou revelar esta história, que se mostra de grande importância para compreender como as práticas culturais e religiosas podem se constituir em diferentes contextos. Assim, o congado da APAE-OP e os sujeitos que o compõem fundamentam o horizonte investigativo.

Uma abordagem sobre o congado em Minas Gerais

Segundo Lucas (2002), o congado pode ser identificado como uma expressão da religiosidade negra que sobreviveu ao processo de imposição cultural, presente no sistema escravista brasileiro, a partir da reinterpretação e da reelaboração de valores alheios à concepção de mundo dos negros. Para Brandão (1976), o congado combina, simbolicamente, a memória de acontecimentos e dos costumes “tribais” com os valores da devoção católica aprendidos na catequese.

Em concordância com Martins (1997), percebemos que a transmigração de escravos africanos para as Américas, e especificamente para o Brasil, não apagou, nos povos de origem africana, os signos culturais, textuais e toda a complexidade simbólica que traziam em sua cultura. Assim, o Congado surge da permanência de aspectos característicos de rituais religiosos africanos, adaptados ao culto do Deus e dos santos da religião católica, predominante no Brasil na época em que aqui chegaram os negros trazidos da África.

Assim sendo, o Congado é a união de velhas tradições e dos ritmos africanos com crenças e santos católicos. Segundo Alves, Pimenta e Santos (2012, p. 2), “é uma manifestação cultural e religiosa, marcada pela diversidade cultural afro-brasileira, e sua presença no território brasileiro se dá desde o século XVIII”. Com relação à Festa do Rosário, ela se edificou num universo imagético extremamente rico, uma vez que é marcada por momentos festivos e devocionais que se materializam em diferentes tipos de representações, numa ludicidade que procura manter viva uma tradição secular e, por isso, expressa a identidade.

Destacamos que o reinado ou congado foi disseminado em várias regiões do Brasil. Além de Minas Gerais, também nos Estados de Pernambuco, da Bahia, de Goiás, do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro existem registros do congado, desde o início da colonização. Segundo Lucas (2002, p. 46), “o primeiro registro que se tem desta manifestação popular é uma carta datada de 1552, na qual o jesuíta Antônio Pires refere-se à participação dos negros em Pernambuco, já organizados em Confraria do Rosário”.

O Congado em Minas Gerais possui sete subdivisões, chamadas “guardas” ou “ternos”, termos que variam de acordo com a região onde acontece o festejo. Nesse trabalho, optamos pelo termo “guarda”, em concordância com Lucas (2002) e Martins (1988), para denominar cada um desses grupos estabelecidos pelas sete divisões do congado.

É interessante destacar o livro *Introdução ao estudo do congado*⁸ (1974, p. 44-45), que aborda as etapas do congado em Minas Gerais. Cerca de oito dias antes da festa, tradicionalmente, ou até na véspera, o mastro é levantado por uma das guardas para alertar que a festa ocorrerá em breve. O capitão da guarda em questão é o responsável por receber a bandeira com estampa de Nossa Senhora do Rosário e colocá-la no mastro, por meio de rezas, cantos e danças e, consecutivamente, pelo acender das velas. Em seguida, no dia da festa, a guarda busca o reinado, reis do ano ou festeiros, em suas residências, a partir de dança e música, a fim de que todos se reúnam em frente à igreja para a exibição coreográfica da guarda e de outras guardas convidadas, troca de cumprimentos, embaixadas. Antes do almoço, há a benção dos alimentos executada pelo capitão da guarda. Os festeiros têm a função, na hora do almoço, de oferecer alimentação a todas as guardas e aos seus respectivos reinados. Após o almoço, há o descanso e mais exibições coreográficas. Em seguida, ocorre a realização de uma missa em que são coroados os novos reis do ano (festeiros) e promessas são cumpridas. O encerramento da festa ocorre com uma procissão em que o andor de Nossa Senhora do Rosário é carregado, sendo que não há utilização de instrumentos, mas apenas cantos e orações.

A história dos negros congadeiros em Minas Gerais se une a várias histórias de negros do período colonial, que não se esqueceram de suas raízes, seus valores e rituais. Segundo Lucas (2006, p. 75):

falar do reinado de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais é falar de uma tradição historicamente importante na formação cultural do país, e geograficamente tão próxima, apesar de tão distante do conhecimento e do imaginário da sociedade em geral, no que se refere a seu contexto e significado.

Segundo Gomes e Pereira (2000), o congado é uma festa, mas também um desafio. Chama para reza e para luta. Ser dançante é disponibilizar seu corpo para que, nele, ocorram as forças da ancestralidade. Os corpos que se movem dançando resgatam a caminhada dos negros, os fragmentos da história material e psicológica dos escravos. A africanidade ali se faz presente. O dançar e o cantar tornam-se uma oração.

De acordo com Alves, Pimenta e Santos (2012, p. 3), Minas Gerais é um dos

⁸ Organizado em 1974, pelo centro de extensão da Universidade Católica de Minas Gerais, abrange uma pesquisa exploratória sobre o congado efetuada em seis cidades num raio de, aproximadamente, 100 km com relação à Belo Horizonte, e que buscou empregar o método de reconstrução história a fim de descobrir uniformidades que ainda não se perderam no tempo. As caracterizações das guardas foram obtidas a partir de dados coletados diretamente com os grupos existentes nessa área determinada.

Estados brasileiros onde a devoção ao catolicismo é evidente e onde se encontra um catolicismo sincrético⁹, que destaca a forte tradição que se desdobra em festas, como o reinado, uma manifestação católica reinventada pelos negros, em homenagem à Nossa Senhora do Rosário, considerada, por eles, mãe e protetora. Essa manifestação se funda em uma narrativa mítica em torno da santa e constitui o imaginário de seus devotos, que a vivem em momentos onde o lazer e a obrigação se (con)fundem.

Evidenciamos que o reinado é também conhecido como reisado, congado ou congadas, e se trata de uma manifestação católica, típica dos negros, e que, segundo Alves (2008, p. 35):

envolve a realização de novenas, levantamento de mastros e bandeiras, procissões, cortejos solenes, coroações de reis e rainhas, cumprimento de promessas, leilões, cantos, danças, banquetes coletivos. Os festejos apresentam uma estrutura organizacional complexa, em que é possível identificar aspectos simbólicos e significantes, representando o legado de nações africanas e seus reinos sagrados em nosso país.

À vista disso, a devoção à Nossa Senhora do Rosário e aos santos pretos foi iniciada por ocasião do deslocamento de escravos das lavouras de cana de açúcar para a extração de ouro, principalmente, na antiga capital, Vila Rica, no século XVIII, onde se estruturaram ou se vincularam às irmandades, confrarias e ordens terceiras. A criação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário data de 1711, num registro feito por André João Antonil, que relatou o costume dos negros de criarem reis, juízes e juízas nas festas aos santos (MELLO E SOUZA, 2002).

De acordo com Silva (2017, p. 28), em Ouro Preto, “a presença do congado é verificada desde o século XVIII, tal qual a criação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos”. Desde o período colonial, a festa do Congado é atrelada à figura de Chico Rei. Ele teria sido o fundador da Irmandade do Rosário do Alto da Cruz, com seus pares, e deu início à construção da Igreja da Santa Efigênia. Evidenciamos que Ouro Preto possui Guarda de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças da APAE.

Um olhar sobre a Guarda de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças da APAE-OP

O Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças, com sede na APAE-OP, foi fundado em 21 de agosto de 2002, durante a Semana do Excepcional¹⁰. A atividade foi idealizada pela professora Silvânia, que é nascida e criada

⁹ Produto da fusão de diferentes religiões, seitas, filosofias ou visões do mundo.

¹⁰ A Semana do Excepcional tem como proposta promover ações de inclusão social e de combate ao preconceito e à discriminação contra as pessoas com deficiência, além de sensibilizar governos e comunidades em relação às potencialidades das pessoas com deficiência intelectual e múltipla, e chamar a atenção para suas necessidades,

em Ouro Preto e se tornou a capitã da guarda, os participantes são, em sua maioria, adolescentes e possuem algum tipo de deficiência. Atualmente, o grupo realiza sua festa para Nossa Senhora do Rosário em novembro, em um domingo próximo ao dia 27, que é dedicado à Nossa Senhora das Graças, padroeira da APAE-OP, por isso, se tornou a outra santa de devoção.

O projeto do congado na APAE-OP tinha, como ideia inicial, preparar os alunos para apresentação em uma das atividades didáticas da escola, no entanto, o entusiasmo, a dedicação e a facilidade com a qual eles se adaptaram às atividades levaram à fundação, na escola, do Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças. O grupo é composto, atualmente, por 17 pessoas. A Figura 1 mostra uma foto da guarda durante a festa de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças.

Figura 1 – Guarda de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças



Fonte: Acervo pessoal

Quem vê o Congado de Nossa Senhora do Rosário em apresentação não consegue avaliar a carga de formação que ela envolve. Essas atividades são preparadas como se fossem uma sequência didática, pensando-se em todas as possibilidades de aprendizagem que pode proporcionar. Segundo Silvânia:

o congado, enquanto atividade didática, apresenta as diferentes formas de letramento para os excepcionais, onde utiliza o corpo, a dança, a música, o toque de seus instrumentos para se comunicarem, não quer dizer necessariamente aprender a ler e escrever, mas aprender a se comunicar através do movimento e expressões do corpo, da voz, do ritmo, das orações, dos cantos, e de muitas outras formas.

tanto para a definição de políticas públicas quanto para o combate ao preconceito.

Nesse grupo, existem diversos tipos de pessoas com deficiência, entre elas: deficiência auditiva, retardo mental, baixa visão e restrição de movimentos. A capitã menciona que:

as atividades do congado ajudam os alunos a transpor os muros da escola, buscando melhoria da qualidade de vida, minimizando os impactos que a deficiência provoca na qualidade de vida dos apaeanos. A música, a dança, a disciplina, os rituais, a participação em eventos sociais, educativos e religiosos, permite a socialização dos alunos.

O Congado interfere, de maneira ativa, na vida dos alunos, pois tem seus saberes apreendidos e transferidos para as ações cotidianas, como o tratamento às pessoas, a disciplina, a responsabilidade com os compromissos, os cuidados com as vestimentas, o agradecimento às conquistas. Fica claro que há valorização e afirmação do congado na sociedade e na instituição.

Ao questionar os alunos o motivo de sua permanência na guarda do congado, eles mencionaram o dever de louvar Maria. Segundo os alunos, o que mais chama atenção é a dança e os passeios, como é possível observar no relato a seguir, de um dos membros: “a gente canta, reza, viaja, tudo é muito bom, mas, mais importante, é Nossa Senhora” (aluno apaeno).

Como o grupo possui atividades durante todo o ano, os ensaios acontecem nas dependências da APAE-OP. Nesse momento, são introduzidos novos cantos, danças e rituais que fortalecem o desenvolvimento anteriormente já conquistado. Como Silvânia afirma, “a nossa pretensão é de nos desenvolvermos mais para consolidar nossa tradição”.

Ainda segundo a capitã, “no congado aprende-se um pouco a cada dia, sempre, principalmente com os mais velhos, hoje a guarda da APAE-OP já sabe realizar todos os rituais respeitando a raiz congadeira e, nas apresentações, são capazes de responder às diversas formas de interação que o congado exige”.

Dessa maneira, o congado passou de uma atividade didática para uma prática religiosa e cultural vivenciada e reconhecida como uma das mais expressivas e relevantes tradições ouro-pretanas, que ainda sobrevive, permanece e se apresenta como cada vez mais notável na cidade. Essa experiência vingou e está presente na dinâmica cultural da cidade.

Segundo Silvânia: “o projeto pedagógico, a atividade educativa deveria ter sido encerrada no final do mesmo ano, mas isto não aconteceu, funcionou como um chamado”. Ela ainda relata que:

havia duas formas de ser congado, a primeira seria continuar sendo um grupo para-folclórico, que apresentava aspectos da manifestação conga, e a segunda pela qual optamos foi a de nos tornar uma guarda de Nossa Senhora do Rosário, baseada na raiz congadeira que herdamos de Chico Rei. Esta consciência implicava em uma série de compromissos e preceitos religiosos que deveríamos desenvolver em nosso grupo e, tendo-as

consolidadas, estabelecer uma sintonia com os demais grupos da nossa cidade e nos tornamos o Congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças. A partir de então, nossas atividades cresceram e se desenvolveram e, hoje, somos parte da família congadeira de Minas Gerais.

O grupo é visto como uma guarda de Ouro Preto que contribui para a continuidade da cultura congadeira em outros espaços, e recebe convites para apresentações em variadas instituições, em festas escolares e não-escolares, na sede e nos distritos de Ouro Preto.

Evidenciamos, de acordo com Alves (2008), que a guarda do congado da APAE-OP pode ser associada a diversos aspectos, entre eles, a prática do lazer, o lúdico, os cantos, a dança, o corpo e sua gestualidade. Dessa maneira, o congado passou de uma atividade didática para uma prática religiosa e cultural vivenciada e reconhecida como uma das mais expressivas e relevantes tradições ouro-pretanas, que ainda sobrevive, permanece e se apresenta como cada vez mais notável na cidade. Essa experiência vingou e está presente na dinâmica cultural da cidade.

Assim sendo, as manifestações culturais que são vivenciadas em cada grupo social como opções de lazer necessitam ser apreendidas e decifradas, uma vez que essas manifestações são práticas sociais que constituem o lazer e que proporcionam aspectos subjetivos, simbólicos, concretos e materiais, como desfrute e fruição da cultura, que detêm significados singulares em que os sujeitos a vivenciam ludicamente no tempo/espaço (GOMES, 2011)

Por meio da Geografia Cultural, foi possível relacionar o campo do lazer, ao partir da premissa de que as práticas de lazer praticadas durante o congado do Rosário e Nossa Senhora das Graças da APAE-OP que possibilitam um desenvolvimento da personalidade, integração voluntária e criam novas formas de aprendizagem que favorecem a perpetuação da cultura. Além disso, ressalta-se que esse congado proporciona, aos deficientes, uma verdadeira inclusão social e cultural, que pode ser apropriada pelos estudos do lazer, pois leva os membros da guarda a uma grande socialização, além de passarem a ser respeitados como congadeiros, vistos e aceitos como tal.

Apontamos as experiências vivenciadas com o grupo durante a festa de Nossa Senhora do Rosário e das Graças da APAE - como práticas repletas de significados, sendo, portanto, práticas culturais de acordo com as postulações de Gomes (2014), concordamos que a cultura é um modo de vida e consideramos que a noção de cultura vem ampliar o olhar sobre o lazer. Para tanto, é necessário entender o lazer como um campo que se apropria de linguagens culturais como possibilidades de conteúdo, o qual pode contribuir para a ampliação das vivências culturais.

Lazer e congado como prática cultural e sua relação com os estudos do lazer

No congado, é possível vivenciar o coletivo de maneiras diferentes das quais estamos acostumados em nosso cotidiano, como ordem, desordem, diversão, trabalho, segurança, devoção. De acordo com Rosa (2002, p. 24), “as festas populares como o congado são manifestações culturais, constituem os conteúdos do lazer, possuem histórias, signos e significados, se materializam e se expressam na corporeidade dos sujeitos”.

Segundo Gomes (2014), as manifestações culturais vivenciadas ludicamente são práticas que podem assumir múltiplos significados: ao serem concretizadas em um determinado tempo/espaço social, ao dialogarem com uma determinada conjuntura e, também, ao assumirem um papel peculiar para os sujeitos, para os grupos sociais, para as instituições e para as coletividades que as vivenciam histórica, social e culturalmente.

Assim sendo, ao abordar o congado como um conteúdo cultural do lazer, destacamos as reflexões propostas por Rosa (2002), que aponta para a variedade e a complexidade das ações tecidas na experiência, ou seja, as relações, os valores e os interesses que, por meio de práticas múltiplas, cunham uma pluralidade da cultura, que revela diferentes significados.

Segundo Rosa (2004, p. 88), a festa tem sido estudada a partir de múltiplos interesses. Busca-se, a partir do objeto, compreender identidades nacionais, usos e costumes, hierarquias sociais, relações mercadológicas, formas de sociabilidade, culturas de grupos, entre outros aspectos. Ao se aproximar do contexto das festas, do divertimento, como o congado, tem-se o desafio de interpelar o lazer, ao entrelaçá-lo a práticas sociais complexas, que trazem consigo outras formas de percepção do tempo e dos processos de produção cotidiana da vida.

Portanto, as manifestações culturais que são vivenciadas em cada grupo social como opções de lazer necessitam ser apreendidas e decifradas, uma vez que essas manifestações são práticas sociais que constituem o lazer e que proporcionam aspectos subjetivos, simbólicos, concretos e materiais, como desfrute e fruição da cultura, que detêm significados singulares em que os sujeitos a vivenciam ludicamente no tempo/espaço (GOMES, 2011).

Conforme Gomes *et al.* (2016, p. 103), “adotar a existência do lazer exclusivamente por meio de uma palavra ou de um conceito seria um encaminhamento restrito e insuficiente”. Torna-se imprescindível, pois, repensar e superar a crença de que existe uma história única e universal do lazer e apenas um conceito a ser legitimado. Gomes (2014).

Assim, questionamos acerca de como eles entendem o congado como uma opção de lazer/divertimento, e obtivemos o seguinte relato de Silvânia:

O congado é uma opção de lazer, pois proporciona conhecer lugares que talvez nunca conseguiram ir sozinho, de conhecer o mundo e as histórias de outras pessoas (congadeiros), de demonstrar sua fé de forma única para outros, que talvez mudem sua concepção de religião depois de ver uma apresentação.

Dessa forma, ao problematizar experiências de lazer a partir da festa do Rosário, revelam-se histórias e processos de envolvimento social e de prática cultural, o que contribui para alargar o conceito de lazer até então hegemônico. Evidencia-se que a festa e o lazer proporcionam não só a reprodução e consumo de bens materiais e simbólicos, como também criação, vivência, experiência, transformação e invenção.

O congado constitui-se em lugar para os seus envolvidos, pois envolve, entre outras coisas, as experiências e o envolvimento com a manifestação festiva ao estabelecer laços com o espaço. Nesse lugar, manifestam-se a cultura, as visões de mundo, as diferentes perspectivas e as trajetórias humanas. Além disso, as relações sociais ali estabelecidas marcam profundamente o espaço festivo, e refletem valores, hábitos e costumes do grupo.

Dessa forma as experiências ali projetadas criam um campo de relações que torna as dimensões da festa significativas para seus atores, o que demonstra que viver a festa esboça emoções diversas responsáveis pela experiência do indivíduo no lugar festivo.

Desse modo, o espaço da festa de Nossa Senhora do Rosário e das Graças da APAE é marcado pela fé, pela religiosidade e pela devoção, mas também é representado por muita alegria, ou seja, o espaço festivo oportuniza as relações de sociabilidade. Dessa forma a experiência ali projetada cria um campo de relações que torna as dimensões da festa significativas para seus atores, o que demonstra que viver a festa esboça emoções diversas responsáveis pela experiência do indivíduo no lugar festivo.

Assim, as questões aqui colocadas apontam para outras concepções e que podem contribuir com a construção de conhecimentos mais amplos e reflexivos sobre os estudos do lazer, além de abrir caminhos para novas pesquisas e reflexões sobre o tema. Para tanto, os pesquisadores devem se atentar para outras perspectivas de investigação e adotá-las, ou mesmo refutá-las e elaborar novas propostas, pois esse processo também pode favorecer o importante avanço acadêmico.

Considerações finais

No contexto da Pós-Graduação, tem-se colocado o desafio de problematizar o Lazer para além dos espaços urbanos, ao encontro de outros modos de viver, abrindo caminhos de compreensão para outras formas de relação com o ambiente e com as pessoas, gerando práticas sociais e experiências culturais ricas de sentido (DEBORTOLI

et al., 2015).

O espaço do Congado é marcado pela fé, pela religiosidade e pela devoção, mas também é representado por muita alegria, ou seja, o espaço festivo oportuniza as relações de sociabilidade. O congado caracteriza-se por ser um lugar de experiências significativas representadas pelo valor e pela relevância desse momento/fenômeno para as pessoas que dela participam. O congado é um lugar, pois implica inter-relações sociais e práticas ritualísticas específicas, e tais práticas demonstram significados, ou seja, visões de mundo de determinado grupo (LÔBO, 2011).

Assim sendo, a Geografia Cultural chama atenção para o significado que a cultura representa para as pessoas, que ultrapassa o foco exclusivo nos fatos e nos artefatos de uma sociedade e que avança para o significado que as pessoas atribuem ao espaço vivido. Dessa maneira, o congado é visto como uma atividade humana cheia de significados, com ênfase para a relação das pessoas com o seu espaço de vivência e suas percepções sobre o lazer.

Nesse contexto, o congado de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora das Graças representa a religiosidade e a experiência humana, por meio de uma prática cultural, em que a experiência festiva revela-se como uma dimensão do vivido que envolve o lazer que é vivido em sua plenitude e que torna a festa um lugar, tendo em vista as diversas ações que a dotam de valor e significado, como os laços sociais, a fé e a devoção. Dessa maneira, a experiência ali projetada cria um campo de relações que torna as dimensões da festa significativas para seus atores, o que demonstra que viver a festa esboça emoções diversas responsáveis pela experiência do indivíduo no lugar festivo (LÔBO, 2011).

Destacamos que o lugar é encarado, como já discutimos, como espaço vivido, experienciado, contribuindo para determinar a identidade dos indivíduos e dos grupos, os quais acabam por criar laços afetivos com ele. Para Tuan (1983), um dos principais representantes dessa corrente de pensamento, o lugar é ainda o centro de significados construídos pelo indivíduo. No estudo do lugar são considerados os sentimentos espaciais, as ideias de um grupo ou de um povo sobre o espaço a partir da experiência.

Concluimos que viver a festa é viver o lugar a partir da experiência e das emoções, é encontrar-se no outro e reconhecer a si próprio. É marcar, modelar, transformar o lugar ao atribuir valor, sentido e significado. Esperamos que cada vez mais pesquisas procurem trilhar caminhos interdisciplinares, seja entre Lazer e Geografia ou entre o Lazer e outras disciplinas. Acreditamos também, na importância de novas e cada vez mais atuais pesquisas empíricas de mestrado e doutorado, ambas com o lazer como protagonista. Essa potencialidade interdisciplinar faz com que pesquisas como essa, seja um estudo complexo, rico e atual, que ao dialogar e refletir acerca da correlação entre lugar, cultura e lazer pode servir como precedente e também como inspiração para futuras investigações.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda de; MUNDIM VARGAS, Maria Augusta; FLORES MENDES, Geisa. Territórios, paisagens e representações: um diálogo em construção. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, v. 10, n. 22, p. 23-35, mayo/ago. 2011.
- ALVES, Vânia de Fátima Noronha. **Os festejos do reinado de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte: práticas simbólicas e educativas**. 2008. 252f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- ALVES, Vânia de Fátima Noronha; PIMENTA, Paula Miranda Alves; SANTOS, Vanessa Aparecida dos. **Histórias, estórias e memórias dos Negros do Rosário na Rota dos Diamantes da Estrada Real em Minas Gerais**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012. 72p. (Conselho Nacional e Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq Edital MCT/CNPq n. 14/2009 – Universal).
- AROSTEGUY, Agustín. **Território e experiências culturais: apropriações do Lazer em dois "Pontos de Cultura" de Belo Horizonte/MG**. [manuscrito] / Agustín Arosteguy – 2018.
- BARLETTO, M.; SOUSA, P. P. A. **Memória e Espacialidade na Festa do Rosário**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL CULTURA E IDENTIDADES, 3, 2007, Goiânia. p. 1-9.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Congos, congadas e reinados: rituais de negros católicos. **Revista cultura**, Brasília, n. 23, p. 80-93, 1976.
- BUTTNER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **As perspectivas da geografia**. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 165-193.
- CLAVAL Paul. Reflexões sobre a Geografia Cultural no Brasil. **Espaço e Cultura**, n. 8, p. 7-29, ago./dez. 1999a.
- CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, Roberto Lobato *et al.* (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999b. p. 59-98.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 2.ed. Florianópolis: UFSC, 2001a.
- CLAVAL, Paul. O papel da Nova Geografia Cultural na compreensão da Geografia Humana. In: ROSENDAHL, Zenny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001b. p. 35-86.

CLAVAL, Paul. A volta do cultural na Geografia. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 1, n. 1, p. 19-28, 2002.

CLAVAL, Paul. Paisagem dos geógrafos. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagens, textos e identidades**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 13-74.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth C. A. Pimenta. 3. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2007. 455p.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 4. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

COSTA, Karla Tereza Ocelli. **Arturos, Filhos do Rosário**: nas práticas sociais, uma história que se revela na Festa de Nossa Senhora do Rosário. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

DE GRAZIA, Sebastian. **Tiempo, trabajo y ocio**. Madrid: Tecnos, 1966. 459p.

DEBORTOLI J. A. O. *et al.* Lazer e alteridade: buscando aproximações com o campo antropológico. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 19., 2015. CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 6., Vitória. **Anais...** Vitória: UFES. 2015.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 5. ed. São Paulo: Futura, 1998. 286p.

DUMAZEDIER, Joffre. **Hacia una civilización del ocio**. Barcelona: Estela, 1964. 345 p.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978. 248 p.

DUMAZEDIER, J. **Valores e Conteúdos Culturais do Lazer**: planejamento de lazer no Brasil. São Paulo: Sesc, 1980. 176 p.

DUMAZEDIER, J. **A Revolução Cultural do tempo livre**. São Paulo: Sesc Studio Nobel, 1994. 199 p.

EVARISTO, Maria Luiza Igino. A fé que encanta através do canto e dança no Congado de Ouro Preto. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR, 14., 2014, Juiz de Fora. **Anais [...]**. Juiz de Fora-MG: ABHR, 15 a 17 de abr. 2015.

GAELZER, Lenea. **Recreação pública em Porto Alegre**: evolução histórica. Porto Alegre: UFRGS, 1975. 204p.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 173p.

GIL FILHO, S. F. **Espaço Sagrado**: estudos em geografia da religião. Curitiba: Ibpex, 2008.

GOMES, Ana Maria Rabelo. **Lazer e diversidade cultural**. Brasília: SESI/DN, 2005. 285p.

GOMES, Christianne Luce *et al.* Formação de agentes sociais dos programas Esporte e Lazer da Cidade e Vida Saudável: uma discussão conceitual sobre lazer, esporte e cultura. *In*: PINTOS, Ana Elenara da Silva; ISAYAMA, Helder (Orgs.). **Formação de agentes sociais dos programas Esporte e Lazer da Cidade (PELC) e Vida Saudável (VS)**. Campinas: Autores Associados, 2016. p. 94-120.

GOMES, Christianne Luce. Estudos do Lazer e geopolítica do conhecimento. **Licere**, Belo Horizonte, v. 14, p. 1-26, 2011a.

GOMES, Christianne Luce. Lazer e formação profissional: saberes necessários para qualificar o processo formativo. *In*: FORTININI, Janice Lúce Martins; GOMES Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. **Desafios e perspectivas da educação para o lazer**. Belo Horizonte: Editora SESC/Otium, 2011b. p. 47-65.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, jan./abr. 2014.

GOMES, Christianne Luce; ELIZALDE, Rodrigo. **Horizontes latino-americanos do lazer/Horizontes latinoamericanos del ocio**. Edição bilingue. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 398p.

GOMES, Christianne Luce; MELO, Victor Andrade de. Lazer no Brasil: trajetória de estudos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 23-44, janeiro/abril de 2003.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras raízes mineiras**: os Arturos. 2. ed. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2000. 531p.

INTRODUÇÃO ao estudo do congado. Belo Horizonte: Universidade Católica de Minas

Gerai, 1974. 104p.

LAINE, P. Hipótesis prospectivas del tiempo libre. *In: Tiempo libre: los grandes problemas que plantea a nuestra civilización*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1970. p. 80-81.

LÔBO, Tereza Caroline. **Capela do Rio do Peixe em Pirenópolis – Goiás: lugar de festa**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Goiás: Instituto de Estudos Socioambientais, 2011.

LUCAS, Glaura. **Os sons do Rosário**. O congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 384p.

LUCAS, Glaura. Diferentes perspectivas sobre o contexto e o significado do Congado Mineiro. *In: TUGNY, Rosângela Pereira de; QUEIROZ, Rubens Caixeta de. Músicas africanas e indígenas no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LUCAS, Glaura “Vamo fazê maravilha!”: avaliação estético-ritual das performances do Reinado pelos congadeiros. *Per Musi - Revista Acadêmica de Música*, Belo Horizonte, n. 24, p. 62-66, jul./dez., 2011.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa Crítica - Etnopesquisa Formação**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2010, 179 p. (série pesquisa v.15).

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 3. ed. São Paulo: UNESP; HUCITEC, 2003. 198p.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória: o Reinado do Rosário de Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997. 208 p.

MARTINS, Saul. **Congado: família de sete irmãos**. Belo Horizonte: SESC, 1988.

MCDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. *In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham (Orgs.). Geografia Humana*. Sociedade, Espaço e Ciência Social. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. p. 159-188.

MELLO e SOUZA, Marina. **Reis N=negros no Brasil escravagista: história da festa de coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 390p.

NITSCHKE, Letícia Bartoszeck; BÄHL, Miguel. Contribuições de base geográfica cultural para o estudo do turismo em comunidades locais. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE*

TURISMO, 11, 2009, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: OBSTUR/UFPR: Universidade Positivo, 2009. CD-ROM.

NORONHA, Vânia. Teorizando a festa. *In*: SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE, 10., 2009, Belo Horizonte. **Coletânea [...]**. Belo Horizonte: UFMG/DEF/CELAR, 2009, p. 22-27.

OLIVEIRA, A. L. **Política cultural e o espetáculo urbano**: uma reflexão sobre o direito à cidade no Rio de Janeiro. 2004. 315 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

PARKER, Stanley Robert. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 184p.

REY, F.L.G. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

ROSA, Maria Cristina. **Festa, lazer e cultura**. Campinas, SP: Papyrus, 2002. 139p.

ROSA, M. C. Festa. *In*: GOMES, C. L. (org.) **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica. 2004. p. 88-92.

ROSENDAHL, Zeny. Cultura, turismo e identidade. *In*: SILVA, J. B., LIMA, L. C., ELIAS, D. (Org.) **Panorama da Geografia brasileira**. São Paulo: Annablume, 2006. p. 123- 129.

ROSENDAHL, Zeny. O espaço, o sagrado e o profano. *In*: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da Cultura no Espaço**. Série Geografia Cultural. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

SALGUEIRO, Tereza Barata. Paisagem e Geografia. **Revista Portuguesa de Geografia**, Finisterra, Portugal, v. XXXVI, n. 72, p. 37-53, 2001.

SANTOS, Eneida Pereira dos; MAHFOUD, Miguel. Irmandades de negros. **Memorandum**: Memória e História em Psicologia, v.3, p.72-97, 2002.

SILVA, Fabiana Siqueira. **O congado na experiência escolar da APAE de Ouro Preto**: um estudo sobre a cultura congadeira no contexto da educação especial. 2017. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.

SILVA, Rubens Alves da. Chico Rei Congo no Brasil. *In*: SILVA, Vagner Gonçalves (org.). **Imaginário, cotidiano e poder**. São Paulo: Selo Negro, 2007. p. 43-85. (Coleção Afro-

brasileira, v. 3).

SILVA, Saulo Rondinelli Xavier da.; BOMFIM, Natanael Reis Costa, T. C. **Turismo e Educação Patrimonial**: relação dialética e estratégias de participação popular. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO, 11, 2009.

SOUZA, P. P. A.; BARLETTO, M. Identidades, memória e espacialidade na festa do Rosário. **Mercator (UFC)**, v. 8, p. 123-137, 2009. ISSN 1676-8329.

SOUZA, Patrício Pereira Alves de. **Corpos em drama, lugares em trama**: gênero, negritude e ficção política nos congados de São Benedito (Minas Novas) e São José do Triunfo (Viçosa) – MG. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987. 176p.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983. 250p.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012. 342p.

WEBER, E. El problema del tempo libre. Madrid: Editora Nacional, 1969. 479 p.

Endereço para correspondência

Rua dos Borges, 1390. Apartamento 402, bloco 5.
Bairro Jardim Vitória
Belo Horizonte Minas Gerais – 31975-270

Recebido em:
18/03/2020

Aprovado em:
30/06/2020